

**DEIVISON MOACIR CEZAR
DE CAMPOS**

Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul
- PUCRS

ORCID:

<https://orcid.org/0000-0001-9928-9825>

Email:

deivisondecampos@gmail.com

**HENRIQUE FERREIRA DA
SILVA**

Universidade Luterana do
Brasil - ULBRA

ORCID: [tps://orcid.org/0000-0002-6658-4577](https://orcid.org/0000-0002-6658-4577)

Email:

henriqferreiras@gmail.com



*Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).*

Copyright (©):

*Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução*

ISSN: 2175-8689

**#Procura-seJoãoPedro:
A mobilização no Twitter contra a
necropolítica****#Procura-seJoãoPedro:
Mobilization on Twitter against
necropolitics****#Procura-seJoãoPedro:
Movilización em Twitter contra
la necropolítica**

MARCONI, D. #Procura-seJoãoPedro: a mobilização no Twitter
contra a necropolítica. Revista Eco-Pós, v.25, n.3, p. 266-294,
2022. DOI: 10.29146/eco-ps.v25i3.27973

RESUMO

O presente artigo analisa como se deu o engajamento dos usuários do *Twitter* a respeito do caso João Pedro, assassinado no dia 18 de Maio de 2020, por policiais, na cidade do Rio de Janeiro. O foco desta discussão se dá em compreender como a circulação da mensagem passada pelo primo da vítima através do *Twitter* se deslocou pelos nós da rede; analisar a participação dos usuários por meio de *hashtags* e verificar como esse engajamento pode ter contribuído para a elucidação do caso. Através de um mapeamento realizado dentro da plataforma *Twitter*, foram encontradas cinco *hashtags* principais, criadas e alimentadas pelos usuários a fim de obter resposta para a pergunta: onde estava João Pedro? Por meio de referencial teórico-metodológico que se apoiou principalmente em Recuero (2012), Mbembe (2016), Almeida (2019), Malini (2018), França (2012) e Heen (2013), realizou-se uma análise randômica de redes sociais com base em 50 *tweets* de dias próximos ao fato. Observou-se que o *tweet* primário do primo da vítima ultrapassou 3.000% de engajamento na rede social, e que os usuários gerais tiveram papel predominante na construção da narrativa, uma vez que foram os responsáveis por coordenar estratégias de circulação. Além disso, verificou-se aumento na busca por termos como “racismo” e “violência policial” na época do assassinato, evidenciando uma segunda-vida do fato fora do ambiente das redes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: *engajamento; necropolítica; Twitter; racismo; violência policial.*

ABSTRACT

This article analyzes how Twitter users got involved in the João Pedro case, murdered on May 18, by police, in the city of Rio de Janeiro. The focus of this discussion is on understanding how the message stream passed by the victim's cousin through Twitter has moved through the nodes of the network; analyze user participation through hashtags and verify how this engagement may have contributed to the elucidation of the case. Through a mapping carried out within the Twitter platform, five main hashtags were found, elevated and fed by users in order to obtain an answer to the question: where was João Pedro? Through a theoretical and methodological framework that was mainly supported by Recuero (2012), Mbembe (2016), Almeida (2019), Malini (2018), França (2012) and Henn (2013), a random network analysis was carried out based on 50 tweets from the days close to the fact. It was observed that the primary tweet of the victim's cousin exceeded 3,000% of engagement in the social network, and the general users had a predominant role in the construction of the narrative, since they were responsible for coordinating circulation strategies. In addition, there was an increase in the search for terms such as 'racism' and 'police violence' at the time of the murder, showing a second life of the fact outside the social media environment.

KEYWORDS: *engagement; necropolitics; Twitter; racism; police violence.*

RESUMEN

Este artículo analiza cómo los usuarios de Twitter se involucraron en el caso de João Pedro, asesinado el 18 de mayo por la policía en la ciudad de Río de Janeiro. A través de un mapeo realizado dentro de la plataforma de Twitter, cinco hashtags principales fueron encontrados. A través de un marco teórico y metodológico que fue sustentado principalmente por Recuero (2012), Mbembe (2016), Almeida (2019), Malini (2018), França (2012) y Heen (2013), se

realizó un análisis de red aleatorio basado en 50 tuits de los días cercanos al hecho. Se observó que (1) el tuit principal del primo de la víctima superó el 3.000% de participación en la red social, (2) los usuarios generales tuvieron un rol predominante en la construcción de la narrativa, ya que fueron los encargados de coordinar las estrategias de circulación (3) además, hubo un aumento en la búsqueda de términos como 'racismo' y 'violencia policial', mostrando una segunda vida del hecho fuera del entorno de las redes sociales.

PALABRAS CLAVE: *Participación; necropolítica; twitter; racismo; violência policial.*

Submetido em 15 de Outubro de 2022

Aceito em 01 de Novembro de 2022

Introdução

As redes sociais possibilitam novas formas de se comunicar e, na mesma medida, de se engajar pessoas a favor ou contra situações que julguem ser merecedoras de destaque em suas *timelines*. As ações de violência policial, que consistem, em suma, em atos nos quais agentes do Estado sentem-se autorizados, mesmo fora dos parâmetros da lei, a usar força desmedida contra o cidadão, têm sido um dos diversos temas denunciados através das redes.

Estas ações se realizam, muitas vezes, por meio de agressões físicas que acabam em morte. Esse contexto se constrói a partir de um projeto de Estado pautado em necropolítica (Mbembe, 2016) que se refere

às várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos” (Mbembe, 2016, p.146).

Baseado neste cenário, será estudado o engajamento dos usuários da rede social *Twitter* acerca da *hashtag* #Procura-seJoãoPedro, veiculada pela primeira vez no dia 18 de maio de 2020¹, após o relato do primo da vítima viralizar na plataforma. A *hashtag* surgiu em decorrência de uma operação das polícias Civil e Federal em São Gonçalo, no Complexo do Salgueiro, no estado do Rio de Janeiro, para cumprir dois mandados de prisão que culminaram com o desaparecimento do jovem João Pedro Mattos Pinto, de 14 anos. Os policiais invadiram a casa em que o menino estava, junto com mais quatro adolescentes. Em depoimento, os jovens

¹ https://twitter.com/search?q=ondeestajoaopedro&src=typed_query

contam que, além dos mais de 70 tiros disparados contra o imóvel, a polícia ainda teria lançado duas granadas no espaço onde eles estavam.

Após a operação, João Pedro foi colocado em um helicóptero e levado para longe da cena do crime, sob pretexto de cuidados médicos. Porém, nas 17 horas que sucederam o caso, a família ficou sem notícias do adolescente. Com o desconhecimento do paradeiro do menino, o usuário @_danblaz², primo da vítima, dá início ao que seria um movimento de mais 56 mil *retweets* e 135 mil curtidas em sua postagem inicial. A investigação mostrou que João Pedro já estava morto quando seu corpo foi retirado da residência.

No Brasil, os homicídios são a principal causa de mortalidade de jovens, grupo etário de pessoas entre 15 a 29 anos, segundo estudo divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IPEA (Cerqueira; Bueno, 2020). Ainda segundo o IPEA, a taxa de homicídios contra os negros teve um aumento de 11,5%. Em contrapartida, os corpos não-negros obtiveram diminuição deste índice em 12,9% na última década. A banalização da violência contra o corpo negro abre margem para que a agressão policial seja normalizada. No ano de 2012, mais de 50% das vítimas taxadas como “homicídio decorrente de resistência” nos autos da Polícia Militar do Rio de Janeiro, tinham entre 15 e 29 anos e 77% eram corpos negros. As mortes ocorrem em sua maioria durante operações policiais.

Pensar sobre este episódio pelo viés comunicacional aponta para as possibilidades em aberto dos usos da internet para ações de cidadania. Os desdobramentos desses casos têm passado pelo engajamento de usuários em rede, mobilizados por uma cultura de colaboração. No entanto, a circulação de informações tem produzido indignação e conseguido dar visibilidade em alguns casos de violência contra a juventude negra, pressionando para a resolução de casos como o de João Pedro. Neste episódio em específico, os usuários se viram confrontados com a história compartilhada por @_danblaz em seu *Twitter*, e o engajamento dentro da rede produziu compartilhamentos, oferecendo visibilidade ao caso, do seu início até sua resolução.

Além das redes sociais serem uma forma de ampliar denúncias de usuários, sabendo-se que esse não é o uso preferencial dessas plataformas, trata-se também de espaços de disputas

² https://twitter.com/_danblaz

discursivas sobre diversas questões, inclusive a pauta racial, uma vez que é utilizado para tornar pública práticas racistas e genocidas. Essas denúncias são feitas na maioria das vezes por pessoas e grupos que têm suas vozes silenciadas e uma visibilidade limitada aos espaços onde vivem. No entanto, por meio das *hashtags*³ e compartilhamentos entre os usuários, essas questões entram em circulação e algumas vezes chegam aos *Trend Topics*⁴, principalmente quando recebem a adesão de líderes de opinião da rede – celebridades ou influenciadores digitais. Quando as informações recebem este tipo de impulsionamento, a plataforma torna-se um instrumento para exigir justiça.

Neste contexto, o objetivo geral desta pesquisa é compreender como se deu o engajamento da *hashtag* “Procura-seJoãoPedro” dentro da plataforma *Twitter*, a fim de demonstrar como a mesma impactou na elucidação do caso. Para isso, será verificada a circulação da *hashtag* no *Twitter*, analisando os valores associados à morte de jovens negros a partir da participação dos usuários com a #Procura-seJoãoPedro.

A discussão se dará em torno dos conceitos de circulação e gramáticas digitais (Fausto Neto, 2008), redes sociais (Recuero, 2009), *Twitter* (Malini, 2018), o entendimento de violência policial a partir de necropolítica (Mbembe, 2016), além de tratar as questões raciais pelo seu viés estrutural (Almeida, 2019) e os conceitos de ciberacontecimento (Henn, 2013) e acontecimento (França, 2012). Os dados sobre a circulação da *hashtag* #Procura-seJoãoPedro foram obtidos entre os dias 01 e 06 de setembro de 2020.

1. Racismo e necropolítica: um olhar sobre o Brasil

Olhei no espelho, Ícaro
me encarou. Cuidado, não voa tão perto do Sol,
eles num guenta te ver livre⁵

A morte do adolescente João Pedro, 14 anos, em São Gonçalo, Rio de Janeiro, ocorrida em maio de 2020, agrega as características do genocídio de jovens negros e de racismo

³ Uma *hashtag* é um indexador da rede social. Permite que o termo marcado seja recuperado em buscas posteriores e usados para diversos fins, como os de mobilização. Representada pelo sinal “#”.

⁴ *Trend Topics* é uma lista onde aparecem os assuntos mais comentados na plataforma, com base em seu engajamento.

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=4pBp8hRmyNI>

(Almeida, 2019). Uma ação conjunta, que uniu as polícias Civil e Federal, a fim de cumprir dois mandados de prisão em favelas localizadas em São Gonçalo, culminou com a invasão de uma residência em que cinco jovens estavam reunidos, com a polícia disparando mais de 70 tiros, além do uso de duas granadas.

Em depoimento, os adolescentes que testemunharam o acontecido relatam que, ao adentrarem a casa, os policiais indagaram a respeito da localização das drogas que estariam no local. Também em depoimento, as testemunhas alegam achar que o momento em que João Pedro fora baleado foi entre a transição do lançamento de duas granadas na casa. No momento seguinte, os policiais teriam constatado a morte do jovem, quando um deles teria pegado o corpo de João Pedro e virado de bruços (Martins *et al*, 2020).

O corpo do adolescente, já baleado, foi levado para um helicóptero da polícia, com justificativa de cuidados médicos e, desde este momento, a família ficaria sem notícias por mais de 17 horas, após procurar por todos os hospitais da região. As investigações apontaram que João Pedro morreu logo após o disparo. Segundo laudo pericial, a bala que atingiu João Pedro, acertando-o na parte posterior das costas, no lado direito, na altura das costelas, é compatível com o armamento carregado pelos policiais na operação: um projétil de fuzil, calibre 5.56 (Soares, 2020).

Ações policiais como essa acontecem majoritariamente em locais de predominância preta e periférica (Pires, 2020), o que coloca sobre esses casos, em função dos estereótipos relacionados ao corpo negro, um viés de fatalidade, de bala perdida. Essa suspensão do procedimento legal — a retirada do corpo de João Pedro do local do crime, por exemplo — é característico desses locais, pois fazem parte um mecanismo de controle e repressão que, atualmente, vem se configurando tática constante nas ações policiais, arraigadas em práticas de abuso de poder e impunidade.

Mbembe (2016) pontua que o direito de matar não está sujeito à regra nas áreas de “colônia” e situa que o Estado de exceção deixa de ser uma suspensão temporal do Estado de direito. Diz que as áreas adquirem um arranjo espacial permanente, que se mantém continuamente fora do estado normal da lei. O autor aponta ainda que “representa o lugar em que a soberania consiste fundamentalmente no exercício de um poder à margem da lei (*ab*

legibus solutus) e no qual tipicamente a ‘paz’ assume a face de uma ‘guerra sem fim’” (Mbembe, 2016, p.132).

Por isso, nessas áreas – no caso das cidades brasileiras, as favelas e comunidades –, o Estado “pode matar em qualquer momento ou de qualquer maneira” (Mbembe, 2016, p. 134), uma vez que, na perspectiva do necropoder, há uma inexistência de humanidade percebida nestes corpos. Como aponta Fanon (1991, p.39), “lá eles nascem, pouco importa onde ou como; morrem lá, não importa onde ou como”. Para Mbembe (2016, p. 133), são “zonas em que guerra e desordem, figuras internas e externas da política, ficam lado a lado”, são locais onde a violência do Estado tende a trabalhar “a serviço da civilização”.

Esse controle depende, porém, de uma divisão biopolítica dos corpos (Mbembe, 2016), sendo a chave para colocar em prática um dos princípios da necropolítica: a capacidade de decidir quem vive e quem morre. Essa divisão, aponta Mbembe (2016), constrói interdições biológicas, ao que Foucault, segundo o autor, define como racismo.

A ação violenta da polícia, portanto, acontece dentro de um sistema social pautado em um projeto de Estado que trata o corpo negro como descartável, colocando o genocídio destes corpos como algo normalizado socialmente. Desta forma, a criação da “colônia” em espaços racializados não é coincidência. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. A partir de Foucault, Mbembe argumenta que essa é “a condição para a aceitabilidade do fazer morrer” (Mbembe, 2016, p. 128).

Nessa relação entre racismo e necropolítica, destitui-se o corpo e a região que ele ocupa de sua aura de pessoalidade, colocando-o em um estado de vigilância constante em que o indivíduo é frequentemente confrontado com o antagonismo entre vida e morte em um mesmo espaço. Por consequência, implanta-se uma política estatal que, conforme as normas do biopoder, subdivide e elimina indivíduos como forma de controle.

Para Oracy Nogueira (2006), o racismo tem duas faces. O biológico, de raça, que organiza as relações em países, como os Estados Unidos, e o de marca, articulado socialmente a partir da fenotipia, como ocorre no Brasil. O racismo de marca, segundo Nogueira, é o de aparência física, de distinção social, que coloca o corpo negro em um patamar de

desumanização, ocorrendo, mediante práticas racistas, a negação de sua existência como indivíduo e, acima disso, como membro do corpo social. Essa violência racista imposta ao corpo negro faz parte de um sistema estruturado de microagressões em que “os culpados já estão etnicamente indicados por sua posição social” (Almeida, 2019, p.61).

Além disso, o racismo é entendido como decorrência da própria estrutura social, através do modo como se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e familiares. O racismo é, portanto, parte de uma sociedade em que ele é considerado regra e não exceção (Almeida, 2019). As ideias engendradas dentro do conceito de racismo têm, por vezes, os estereótipos realocados dentro destes corpos racializados reforçados diariamente dentro do contexto social, seja pelos meios de comunicação, pelo ambiente escolar ou familiar. A sociedade, por sua vez, endossa, reproduz, alimenta e reforça práticas racistas que colocam o corpo negro, ou de qualquer indivíduo racializado, em um patamar de subserviência.

Desde o início da diáspora africana, a ideia de que o corpo racializado adquire um aspecto de “sombra” (Mbembe, 2016) é reforçada. O indivíduo, ao ser retirado do seu local de origem, viu-se despido de território, dignidade e colocação social, passando a existir somente como propriedade. No Brasil, mesmo com a Abolição, o racismo se manteve com o aval de entidades públicas. As práticas eugenistas, com base na superioridade branca, entendia que este grupo era dotado de mais intelecto e civilidade, enquanto os negros eram vistos como animais. O racismo científico, desta maneira, defendia um viés de branqueamento de raça. Para Munanga (2004, p.443), esse processo constituiu “a construção de uma identidade nacional baseada na herança branca europeia, negando qualquer possibilidade de se pensar em alguma identidade alternativa, fundamentada na herança negra de origem africana”.

Assim, a violência com viés racial não é novidade no Brasil. O processo de desumanização que teve início com a escravidão mercantil tem passado por processos de refinamento e mutações silenciosas que atravessam gerações, ainda com o intuito de objetificar e eliminar o corpo negro. Ainda hoje, por exemplo, 75,5% das pessoas assassinadas no Brasil são negras (Acayaba; Arcoverde, 2020). Segundo pesquisa do IBGE e do Instituto ETES (INCT, 2020), os lares que menos possuem acesso a saneamento básico e acesso à coleta de lixo são de pessoas negras. Além disso, ainda conforme o levantamento, o grupo de mulheres negras está

dentro do espectro que sofre com mais disparidade salarial no Brasil. Os índices apontam o lugar social reservado ao negro e configuram um projeto de Estado necropolítico (Mbembe, 2016).

Nessa perspectiva, o morador da área de exceção, a favela, torna-se alvo. O corpo do jovem negro é o que mais vem sofrendo violência policial no Brasil. É uma política de guerra contra um inimigo interno no qual a polícia torna-se instrumento e tem eliminado esses corpos de maneira constante e com aval do Estado, uma vez que os homicídios são a principal causa de mortalidade de adolescentes de 15 a 29 anos (IPEA, 2020), sendo a maioria negros, dados reforçados pelo estudo do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2020).

Segundo o Atlas da Violência (Cerqueira; Bueno, 2020), foram cometidos mais de 57 mil homicídios no Brasil no período de 2018, ocasionando a morte de mais de 30 mil jovens. De acordo com os dados da pesquisa, o homicídio foi a principal causa da morte de jovens no Brasil naquele período. Porém, um fator que traz a tona o viés racial dessas mortes é que destes mais de 30 mil jovens mortos, 75,7% eram negros, sendo 91,8% homens e 8,0% mulheres, majoritariamente na faixa dos 15 a 19 anos (55,6%). As vítimas tinham no máximo sete anos de escolaridade (77,1%) e foram mortas, primordialmente, por armas de fogo (77,1%). O estudo aponta ainda que o risco de morte para jovens negros é, em média, 74% maior do que para os não-negros, consolidando o perigo atual de três características: a) ser negro, b) ser jovem e c) morar em regiões mais pobres, como favelas.

Foi neste contexto que ocorreu o caso do adolescente João Pedro, que ganhou visibilidade a partir do *Twitter*. No dia 18 de maio de 2020, Daniel Blaz, primo da vítima, publicou o *tweet*⁶ que inseriu o assassinato do adolescente João Pedro na rede, desencadeando uma narrativa compartilhada (Malini; Antoun, 2013), que hoje⁷ já conta com mais de 56,5 mil *retweets*, 5,4 mil *tweets* e 136 mil curtidas somente na postagem inicial.

2. *Tweets e retweets*: uma narrativa compartilhada

E como analgésico nós posta que

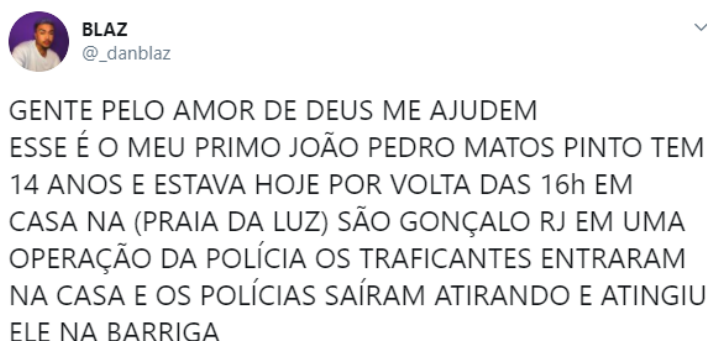
⁶ https://twitter.com/_danblaz/status/1262541077187309569

⁷ Informação verificada em 15 out. 2020

um dia vai tá nos conforme [...] minha cor
não é um uniforme⁸

O surgimento da narrativa que envolve a #Procura-seJoãoPedro foi desencadeada pela ação da polícia, que resultou na morte e sequestro do corpo do jovem. Essa instituição estatal, que cumpre seu papel de manter o cidadão a salvo, também executa um dos princípios necropolíticos fundamentais: submeter os moradores a um estado de “guerra sem fim” (Mbembe, 2016). A *hashtag* surge dentro de um contexto de materialidade necropolítica. O usuário @_danblaz deu início a este movimento, utilizando sua conta na rede social *Twitter* como tentativa de ampliação de seu protesto. Blaz constrói sua postagem como um pedido de socorro, apontando o que teria ocorrido com João Pedro até aquele momento:

Ilustração 1 – *Tweet* que deu origem à *hashtag*

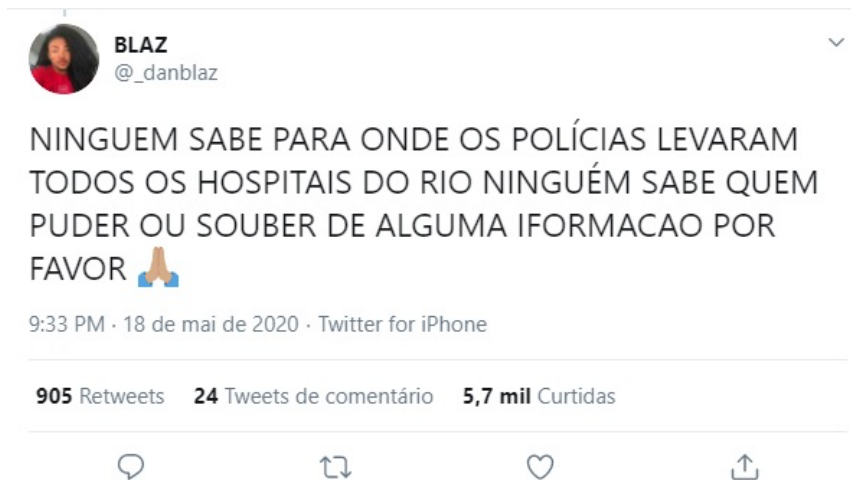


Fonte: Reprodução *Twitter* @_danblaz

Blaz buscou alavancar sua mensagem mencionando, por meio da indexação do @, autoridades que possuíam conta na rede social, como os programas de telejornalismo Balanço Geral e Jornal Nacional, além da Polícia Federal e Polícia Civil do Rio de Janeiro, e da própria Prefeitura do Estado. Logo após a primeira postagem, ele publica outro *tweet*:

Ilustração 2 – *Tweet* do primo da vítima

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=4pBp8hRmynI>.



Fonte: Reprodução *Twitter* @_danblaz

O *Twitter* foi o canal usado para dar visibilidade ao caso João Pedro. Essa rede social é um espaço de conversação no qual usuários podem postar mensagens em até 280 caracteres. As mensagens são repassadas pela plataforma através dos sistemas de “seguir”, “curtir” e “retweetar”, que fazem com que elas circulem pela rede com mais facilidade, chegando a cada vez mais usuários conforme o engajamento da publicação vai tornando-se maior e a mesma, conseqüentemente, mais relevante. Para Recuero (2009), as informações trocadas dentro das redes sociais formam, entre si, uma teia que confere capital social a quem produz conteúdo que adquira relevância.

Recuero (2009) entende que as redes sociais, enquanto circuladoras de informações, são capazes de gerar mobilizações e conversações que podem ser de interesse jornalístico na medida em que essas discussões refletem anseios de grupos sociais. Para isso, adquirem, conforme Rocha e Alves (2010), um fator de ampliação da voz societária, no qual as pessoas estão aprendendo a compartilhar pensamentos, ideias e experiências através de novos modos de produzir e consumir conteúdos. No caso João Pedro, a participação dos usuários dinamizou a difusão da mensagem. Essa participação foi muito alavancada pelo chamado *Black Twitter*, classificado por Hill (2018, p.287) como “uma comunidade virtual de usuários do *Twitter* engajados em discursos em tempo real principalmente relacionados à cultura e política negra”.

A referência se deve ao movimento nos Estados Unidos, mas teve desdobramentos iguais no Brasil.

O advento da internet e a democratização do *smartphone* possibilitou aos negros a criação de novos modelos de vigilância e comunidade (Hill, 2018). Essa nova vigilância oferece ao corpo negro a oportunidade de subverter a lógica de aprisionamento digital que incrimina, através dos meios do Estado, passando a utilizar esses canais como base denunciativa, assim como ocorreu no caso de João Pedro, com o *tweet* do primo da vítima. Hill (2018, p.290) propõe que “o *smartphone* e outras tecnologias permitem que os cidadãos negros vigiem os agentes e instituições do Estado, responsabilizando o Estado e seus aparatos por práticas de violência antinegra e outras formas de injustiça social”. Ainda ressalta que por meio do *Black Twitter* e outros contrapúblicos digitais⁹, esses textos podem ser distribuídos globalmente sem sanção ou mediação da mídia corporativa ou de instituições policiais (2018).

A circulação da mensagem possibilitada por uma cadeia de usuários e cocriada dentro da rede social encontra, porém, um entrave no âmbito do racismo algorítmico, classificado como um “sistema de práticas contra grupos racializados que privilegiam e mantêm poder político, cultural e econômico para os brancos no espaço digital” (Tynes *et al*, 2019, p.195 apud Silva, 2019). Essas práticas de manutenção de privilégio branco também nas redes sociais têm se apresentado nociva para o corpo negro que sistematicamente sofre microagressões também nestes espaços.

A influenciadora @saollebar, que fala sobre autocuidado em sua conta no *Instagram*, iniciou uma série de postagens em seu perfil no dia 10 de outubro de 2020 e, ao final delas, relatou que seu engajamento subiu mais de 6.000% devido à inclusão de fotos de pessoas brancas nas suas postagens. O problema também foi tratado dentro da rede social chave deste trabalho, o *Twitter*. Em setembro de 2020, o usuário @colinmadland levantou a questão, após análise da plataforma Zoom, da Google. O usuário, e após ele muitos outros, descobriram que a prévia de visualização da plataforma *Twitter* privilegia o rosto branco independente de quantos negros estiverem presentes na imagem veiculada.

⁹ Conforme Hills, este termo refere-se a “qualquer comunidade virtual, online ou de outra forma digital em que os membros resistem ativamente ao poder hegemônico, contestam narrativas majoritárias” (Hills, 2018, p.3).

Essa forma de ocultamento da identidade do corpo negro, favorecido pelos vieses presentes nos algoritmos, faz com que o debate sobre a circulação da mensagem negra dentro desses espaços seja ainda mais importante e necessário. Como o exemplo da usuária @saollebar mostrou no Instagram, a capacidade de ocultamento e redução ou não da circulação da mensagem depende muito do “juízo de valor” do próprio algoritmo sobre o conteúdo postado pelo usuário.

Cabe retomar, então, dentro deste contexto, que o *tweet* primário do primo da vítima continha a imagem de João Pedro. Porém, em pouco tempo, os *tweets* e *retweets* já haviam levado a postagem inicial para outras redes sociais e também para sites de notícia e telejornais. A circulação ocorreu a partir de cinco *hashtags* diferentes. A primeira surgiu em um comentário no *post* de @_danblaz, com o usuário @LuizSergioOfic, que finaliza seu *tweet* com a *hashtag* “#Procura-seJoãoPedro”. Logo após, as *hashtags* #Procura-sePorJoãoPedro, #SomosTodosJoãoPedro, #JustiçaPorJoãoPedro e #CadêJoãoPedro surgem na conversação e são postas em circulação por *retweets* e *likes* de outros usuários da rede.

As *hashtags* são, dentro do universo das redes sociais, organizadores de informações em tópicos. Essa estratégia, junto com o *retweet*, permite que a informação circule por diferentes redes sociais e seja facilmente rastreável em um momento posterior (Recuero, 2009). Assim, as *hashtags* e *retweets* funcionariam como agregadores de informação em um mesmo “fio”, em que, partindo da lógica de formação de conhecimento no ciberespaço de Lévy (1999, p.185), “cada um contribui para construir e ordenar um espaço de significações partilhadas”. A circulação, no caso de João Pedro, coloca o espaço das significações como algo amplo, passando por significados únicos e coletivos em que todos, em um contexto virtual, podem colaborar segundo seus próprios “jogos enunciativos”.

A circulação despontaria como um novo dispositivo ao ser transformada em um lugar no qual instituições e atores sociais se encontram em torno de “jogos enunciativos complexos”. Nestas condições, resulta que a circulação se descolaria de um quadro conceitual que a situaria como um intervalo – ou mesmo desajuste – constituindo-se em um lugar no qual se processam operações de investimentos de sentidos que envolvem vários níveis de discursividades (Verón, 1985, p.15 apud Fausto Neto, 2018, p. 22).

Dentro da narrativa que coloca a *hashtag* em um embate de enunciados, “a circulação é concebida como ‘região’ na qual os sentidos não apenas transitam, mas também são tecidos” (Fausto Neto, 2018, p.23), ou seja, a circulação se dá, por vezes, através do que já se conhece. São os pensamentos que, via de regra, já têm aderência com o que o usuário costuma compartilhar em sua *timeline*. Para Fausto Neto (2018), a internet seria, quando ativada pelas práticas sociais diversas, “receptora” de suas lógicas e gramáticas, que nela se instalam discursivamente, para produzir e fazer circular sentidos.

No caso de João Pedro, vincular a imagem de uma criança negra em um enunciado denunciativo, inseria-o em uma narrativa que há muito já estava sendo discutida dentro do território brasileiro e mundial, através das redes e ações de rua: o genocídio de jovens negros pelas mãos do Estado. Por isso, o caso de João Pedro coloca o *Twitter* como um espaço de contestação. Para Shirky (2011, p.19) “as pessoas querem transformar o mundo em um lugar melhor. Ajudam, quando convidados a fazê-lo”. Nesse sentido, estão mobilizadas pelas denúncias de morte de jovens negros. O *tweet* do usuário @_danblaz foi uma convocação que surgiu em meio a esse contexto.

Ao iniciar o texto com “Gente, pelo amor de Deus me ajudem”, o primo da vítima fazia um apelo aos *nós* a ele conectados, e esses seguidores responderam ao chamado utilizando-se das ferramentas nativas da rede – *tweets*, *retweets*, curtidas e *hashtags*. Para Castells (2013, p.57) “as pessoas superam o medo quando se juntam [...]. Contudo, para conseguir formar multidões, elas precisam de uma motivação poderosa, de uma força mobilizadora”. Os *tweets* do primo da vítima, num contexto de protestos pelo genocídio de jovens negros, ofereceram estímulos para a indignação. O relato de @_danblaz resumiu como opera a necropolítica, e isso permitiu mobilizar pessoas e inflar a narrativa.

Em uma sociedade hiperconectada, postagens em redes sociais têm grandes capacidades de viralizar. A circulação cumpriu seu papel ao espalhar a mensagem de @_danblaz pela rede, criando uma teia de significados para o fato que ele denunciava. Todas as *hashtags* que sucederam o desaparecimento de João conseguiram chegar a um número maior de usuários, fazendo com que a postagem inicial deixasse de existir somente entre os *nós* primários e extrapolasse para fora do ciberespaço. A mobilização de usuários em prol do então

desaparecimento de João Pedro, ainda nos primeiros momentos do caso, mostrou-se decisiva para que ações fossem tomadas. Com base na pressão virtual feita por anônimos e famosos, que colocou a narrativa em evidência dentro da plataforma, foram possíveis os posicionamentos como os da deputada estadual Renata Souza (PSOL) que, junto ao deputado federal Marcelo Freixo (PSOL), denunciavam o ocorrido a organizações como ONU e OEA. No entanto, o corpo de João Pedro só foi encontrado 17 horas depois, no IML de São Gonçalo, sem nenhum registro em hospitais da região.

3. Imagem, acontecimento e circulação: surgem as *hashtags*

“Hashtags #PretoNoTopo, bravo!
80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo.
Quem disparou usava farda (mais uma vez)”¹⁰

A #Procura-seJoãoPedro trata de imagem, genocídio e indignação. Surgindo no ciberespaço com viés de denúncia, após o *tweet* do primo da vítima, a *hashtag* tem relação direta com o assassinato sistemático da juventude negra. O usuário @_danblaz encontrou no *Twitter* uma forma de ampliação da voz, como mostra o seguinte *tweet*¹¹, que conta com mais de 56 mil *retweets*, 5,4 mil comentários e mais de 135 mil curtidas:

¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=4pBp8hRmynI>.

¹¹ Captura de imagem realizada em 28 set. de 2020, às 21h47 no horário de Brasília.

Ilustração 3 – Tweet @_danblaz



Fonte: Reprodução / Twitter / @_danblaz

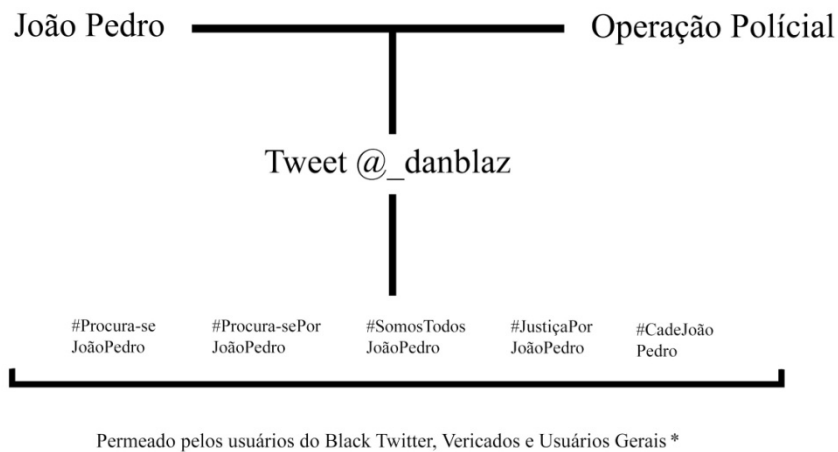
Ao inserir a imagem de João Pedro, @_danblaz colocava-o dentro de um movimento antigo de mobilização e engajamento contra o genocídio de jovens negros muito latente no Brasil e no mundo. Ao entrar em um contexto de assassinato por um Estado necropolítico, a morte de João Pedro assume uma representação que junta genocídio e adolescência. De acordo com Rosa (2016), as imagens são devoradas, passam a integrar o coletivo. Mesmo que haja uma elaboração de outros textos, manchetes, o olhar continua sendo tragado para as imagens totêmicas.

O assassinato do menino insere-se em uma cadeia de acontecimentos que há muito já mobiliza o movimento negro. Porém, os meses de maio e junho, em meio a investigações da morte de João Pedro, foram demasiadamente expressivos principalmente porque, uma semana depois de João Pedro, ocorreu o assassinato de George Floyd nos Estados Unidos (G1, 2020), dando mais visibilidade ao tema. Segundo relatório da plataforma *Google Trends* (2020)¹², “o Brasil nunca buscou tanto sobre racismo quanto em 2020” e “junho deste ano foi o mês recorde de interesse pelo assunto no país desde 2006”. Ainda segundo o compilado apresentado pelo site, as pesquisas sobre violência policial também bateram o recorde da década, dentro do contexto das investigações sobre o caso João Pedro.

¹² https://trends.google.com.br/trends/story/US_cu_9rzrAHQBAApPM_en

O *tweet* de @_danblaz foi um pedido e a rede de usuários foi afetada pela narrativa. O movimento seguinte trouxe os primeiros pensamentos acoplados àquela mensagem: os *nós* da rede encarregaram-se de usar seus meios nativos para, até então, buscarem pelo paradeiro de João Pedro. *Tweets*, *retweets* e curtidas foram os mecanismos usados pelos usuários para rebater o Estado.

Ilustração 4 – Esquema de visualização – fato e desdobramento:



Fonte: elaboração própria.

As primeiras contas de referência a *twittar* algo sobre o caso foram a do advogado e membro do Instituto de Defesa da População Negra, Joel Luiz¹³, seguido por Tati Nefertari¹⁴, membro da ONG Ujima Povo Preto, e Rodrigo França¹⁵, cientista social. Porém, a onda de indexação com base em *hashtag* se tornou palpável somente com @luizsergioofic, que terminou sua frase com #Procura-seJoãoPedro. Essa indexação primária deu origem a outras.

¹³ https://twitter.com/joelluiz_adv/status/1263237960155172866
¹⁴ <https://twitter.com/TatiNefertari/status/1262729294289215488>
¹⁵ https://twitter.com/franca_rodrigo/status/1262749618099458048

A imagem desprende-se do acontecido e tomou forma dentro da narrativa, assumindo o papel de enunciação. As *hashtags* que se sucederam apropriaram-se da imagem e do contexto para criar uma rede de contestação e significados. A morte e a representação de João Pedro deixam de falar apenas dele e remontam a memória de um povo. Uma vez que:

A midiaticização das imagens, por sua vez, está ligada diretamente à circulação destas imagens, identifica-se que aquilo que está em jogo é o poder simbólico, e, portanto, a fixação de uma crença, uma vez que as fotografias veiculadas são estruturadas e passam a estruturar outras inscrições (Rosa, 2016, p.8).

Ilustração 5 – Tweet de usuário



Fonte: Reprodução / Twitter / @tchelo

A segunda *hashtag* a surgir foi proposta pela usuária @biaholiveira, quando finaliza seu *tweet* com #Procura-sePorJoãoPedro, que logo foi sucedida por #SomosTodosJoãoPedro, por @camachag7; a penúltima *hashtag* a surgir veio do perfil @vionolicartoons, com #CadeJoãoPedro. A última *hashtag* mapeada sai dos *nós* comuns da rede e surge da imprensa, com o perfil do @Midianinja lançando a #JustiçaPorJoãoPedro como tema após a elucidação do caso.

A grande adesão de usuários às *hashtags* que envolveram o caso João Pedro retirou a narrativa das mãos de @_danblaz e deu a ela visibilidade e circulação. O fato de chegar aos *Trend Topics* do *Twitter*, em diferentes reformulações, deu ao caso repercussão. A partir do

grande volume de menções de seus endereços nas redes, os veículos de comunicação tomaram ciência da narrativa em curso. A mobilização no *Twitter*, então, moldou a agenda informativa daquele acontecimento, fazendo da indignação notícia. Um menino jovem, negro e inocente, mais uma vez, havia sido assassinado pelo Estado.

3.1. Usuários, estratégias e engajamento

A narrativa criada em torno do assassinato de João sofreu diversas transformações desde que o primeiro *post* foi publicado. Quando lançado na rede, o *tweet* de @_danblaz, colocou o assassinato do primo em uma dimensão simbólica. O fato tornou-se o que é definido por Henn (Costa, 2014) como um ciberacontecimento, que “são acontecimentos que, por se articularem em redes, que são públicas, já são potencialmente compartilhados publicamente, sem uma necessária mediação, a priori, do jornalismo”, quadro que muito se assemelha ao fato jornalístico em si. Porém,

Sua configuração carrega traços do acontecimento jornalístico, mas vai além das formatações tradicionais, incorporando novos atores e dinâmicas de participação e compartilhamento que interferem na maneira como os conteúdos se espalham e interferem na constituição do acontecimento e seus desdobramentos (Bittencourt, 2015, p.80).

Para ser entendido como um ciberacontecimento (Bittencourt *et al*, 2014) o episódio precisa atender a algumas características: a) ser compartilhável; b) possuir alguma particularidade; c) representar alguma emoção; d) ter algum viés memético; e) contar com o apoio de celebridades. O compartilhamento dá a força ao fato que, quanto mais compartilhamento, maior a visibilidade e mais chance tem de ganhar uma segunda vida (França, 2012) no ambiente jornalístico.

No caso do assassinato de João Pedro, o item *b) particularidade* se confunde com o item *c) emoção*, ao colidirem na indignação (Castells, 2013), uma vez que se pode inferir que fora a indignação que levou ao compartilhamento primário do *tweet*, culminando em um conglomerado virtual que se reuniu através das *hashtags* em torno desta narrativa. Outro fator de ambiência relacionado ao universo do ciberacontecimento que se vincula com o assassinato

de João Pedro é a articulação com celebridades, uma vez que elas “atuam como vetores de propagação, atores de impacto e também como objeto das publicações” (Bittencourt *et al*, 2014, p. 353). Estas proposições, juntas, mudam o espaço e status da discussão: ela passa a ocupar as mídias tradicionais, agora como um acontecimento jornalístico, entendido por França (2012, p. 12) como “os fatos e as ocorrências que se destacam ou merecem maior destaque”, onde este é realocado para um espaço simbólico.

Nesse sentido, a notícia do assassinato de João Pedro, quando atinge uma visibilidade através da circulação nas redes e passa aos meios de comunicação de massa, adquire um fator simbólico ainda mais latente. O assassinato passa a “existir em uma nova dimensão”, tomando forma como uma “segunda vida” do próprio acontecimento e, com isso,

Transformados em narrativas, os acontecimentos passam a existir também como discurso, representação. A primeira vida, nos lembra o autor, é da ordem do existencial – trata-se do acontecimento que percebemos, que nos toca, que congestiona o nosso cérebro, dificulta nossa respiração, acelera o nosso coração. A segunda vida é o acontecimento tornado narrativa, tornado um objeto simbólico (França, 2012, p. 14).

Uma vez que assassinatos de jovens negros é regra e não exceção, o desaparecimento de João Pedro trouxe a ruptura. Essa foi a inquietação que pode, então, com base nos escritos de França (2012), ter dado a essa morte um status de acontecimento e alavancado a sua circulação, levando em consideração que

o acontecimento é portador de uma diferença e de uma ruptura. Ele rompe o esperado, a normalidade; ele quebra uma sequência e, num primeiro momento, desorganiza o nosso presente. Ele penetra sem aviso prévio, e gera um impasse. O desdobramento se vê comprometido. O acontecimento gera uma interrogação (França, 2012, p.13).

Para entender alguns movimentos realizados na circulação da mensagem e em como ela se materializou na ambiência jornalística, foi utilizado o filtro da própria rede social *Twitter* para mapear alguns de seus *nós* primários. Essa filtragem se deu através do recurso de Busca Avançada da própria rede social, afinando a pesquisa a partir do nome da vítima, o dia do assassinato e os dois dias que o sucederam, para assim chegar a *tweets* que retratariam o início e o desenrolar do caso, absorvendo a reação dos usuários após a postagem de Daniel Blaz, primo de João Pedro.

Para esta análise foram planilhados e analisados os dados de 50 *tweets* com maior engajamento, a fim de verificar como se formularam os *nós* da rede de mobilização¹⁶. Os dados foram obtidos de *tweets* publicados entre os dias 01 e 06 de setembro de 2020. Os *tweets* foram classificados a partir de autoria, considerando usuários gerais, usuários do *Black Twitter* e usuários verificados, e organizados de forma cronológica. Algumas estratégias observadas podem ter contribuído para que o *tweet* primário de @_danblaz, primo da vítima, obtivesse uma taxa de engajamento de 3320,25% dentro da plataforma¹⁷.

A narrativa concentrou-se na totemização da imagem e na ampliação da voz como um pedido de socorro. Daniel fez uma denúncia e os usuários encarregaram-se do resto; uma a uma, as menções foram se acumulando na conversação criada por ele. A primeira estratégia visualizada foi a de menção: ela foi utilizada inicialmente pelo próprio Daniel, quando o mesmo menciona, através do indexador @, diversos meios de comunicação, a fim de aumentar o alcance da sua mensagem. Esse movimento foi repetido por outros usuários da rede, juntamente com as métricas de *like*, *retweet*.

Ilustração 6 – Estratégia de menção



Fonte: Reprodução / Twitter / @_danblaz

¹⁶ Ver distribuição dos tweets em

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1jhPDVzMfrnRSPbQjAjXKc9sRB2DI8rNpHoQQXUxVFU/edit?usp=sharing>.

¹⁷O cálculo para o engajamento foi com base na equação "curtidas+compartilhamentos+comentários/pelo número de fãs".

Muito do que foi construído em torno da *hashtag* orienta-se por reflexões de usuários gerais¹⁸ que se apropriaram dos valores associados à morte de João Pedro para expressarem sua revolta com esta e outras situações acerca da mortalidade imposta aos corpos negros e o racismo que mata diariamente jovens e negros. Essas denúncias dão voz ao apelo de um povo que luta diariamente para não ser vítima de um projeto de Estado que visa ao extermínio do povo preto no Brasil. Foram esses mesmos usuários que, também se utilizando dos mecanismos de menção, trouxeram novos atores para o caso, neste artigo divididos em dois grupos: *Black Twitter* e perfis verificados. Ambos os grupos foram acionados logo no início da narrativa, pelos usuários gerais que, em suma, se subdividem também em dois grupos:

a) *Os informantes*: composto daqueles que queriam informar o influenciador mencionado sobre o caso, visando à utilização da imagem pública do usuário em questão em prol da situação, seja dentro do *Black Twitter* ou como perfil verificado. Uma vez que se tratava de um desaparecimento, a visibilidade e o alcance dessas personalidades tenderiam a ajudar;

b) *Os questionadores*: composto daqueles que buscavam um posicionamento do influenciador mencionado sobre a questão, muitas vezes indagando sobre seu papel dentro do movimento.

Com a mensagem circulando de maneira constante na rede e, conseqüentemente, chegando aos *Trend Topics*, muitas personalidades começaram a postar sobre o assunto, alertando sobre o desaparecimento e/ou pedindo paz para o corpo negro. Taís Araújo¹⁹, Yuri Marçal²⁰, Lucy Ramos²¹, Babu Santana²², Thelma Assis²³, Felipe Neto²⁴, Viola Davis²⁵, Terry Crews, Anielle Franco²⁶, Natália Nery²⁷, Rodrigo Franca²⁸, Marcelo Freixo²⁹, David

¹⁸ Termo utilizado para caracterizar os usuários que não fazem parte do grupo de celebridades, ativistas ou verificados.

¹⁹ <https://twitter.com/taisdeverdade/status/1262766628925833222>

²⁰ <https://twitter.com/YuriMarcal/status/1262749460301352965>

²¹ <https://twitter.com/lucyramos/status/1262763990817570816>

²² <https://twitter.com/BabuSantana/status/1262765692157333504>

²³ <https://twitter.com/thelminha/status/1262767083756150785/photo/1>

²⁴ <https://twitter.com/felipeneto/status/1262790767564726274>

²⁵ <https://twitter.com/violadavis/status/1267227150454714368>

²⁶ <https://twitter.com/aniellefranco/status/1262757086624010240>

²⁷ <https://twitter.com/natalyneri/status/1262755045793132544>

²⁸ https://twitter.com/franca_rodrigo/status/1262749618099458048

²⁹ <https://twitter.com/MarceloFreixo/status/1262741741167206406>

Mirandario³⁰, Ludmilla³¹, Tati Nefertari³², Camilla De Lucas³³ e Manuela D'Ávila³⁴ foram alguns dos *nós* atuantes nessa circulação.

Dali em diante o assassinato de João Pedro reacendeu debates que há muito são pautados dentro da perspectiva racial. “Até quanto o preto vai viver assim? até quando?”, pergunta um dos *tweets*, em referência à crescente mortalidade de jovens negros no Brasil, país onde o corpo negro é alvo constante – atualmente, são mais de 30 mil mortes por ano, segundo o Atlas da Violência de 2020 (FBSP, 2020). Mortes essas, no entanto, que não viram *hashtags*, não mobilizam multidões. João Pedro foi mais um, mas conseguiu este feito.

Ilustração 7 – Tweet de usuário



Fonte: Reprodução / *Twitter*

Castells (2013) diz que, quando as pessoas sentem-se humilhadas, exploradas, mal representadas e afins, assim que superam o medo, elas partem para a ação, bastando apenas um evento. A Internet apresentou essa narrativa para as pessoas, e a violência policial que assola o corpo negro diariamente foi contestada, dessa vez, das redes sociais para os espaços da grande mídia: a *hashtag* chega aos portais de notícia e canais de televisão. A imagem de João

³⁰ <https://twitter.com/davidmirandario/status/1262734745286434816>

³¹ <https://twitter.com/Ludmilla/status/1262913923591872512>

³² <https://twitter.com/TatiNefertari/status/1262729294289215488>

³³ <https://twitter.com/camilladelucas/status/1262700869885349890>

³⁴ <https://twitter.com/ManuelaDavila/status/1262700396373577738>

Pedro estampava jornais e sites, e o genocídio passou a ser pauta. Por que matar uma criança? Qual o papel da polícia? A narrativa desprende-se, o menino virou um símbolo daqueles que morrem: a imagem de uma juventude morta pelas mãos do Estado, um pedido de socorro de toda criança preta alocado em um só corpo e em muitas *hashtags*.

A declaração de Daniel mobilizou uma rede de pessoas preocupadas com o paradeiro da criança de 14 anos, que teve seu corpo alvejado e, posteriormente, seu paradeiro desconhecido. Um número expressivo de usuários da rede social mobilizou-se para saber #OndeEstaJoãoPedro? A resposta veio 17 horas depois. A circulação de uma mensagem que começou como um pedido de socorro uniu-se a outras mensagens, outras pessoas e um mesmo anseio: “Parem de nos matar”. A *hashtag* #Procura-seJoãoPedro ganhou força e visibilidade, conquistando algo que a maioria das mortes de jovens negros não tem: espaço para diálogo e engajamento social.

Considerações finais

O uso do mecanismo de menções, com a indexação de @, *retweets* com a elaboração de reflexões que corroboraram em *hashtags*, o chamado de novos atores para a narrativa – principalmente verificados e membros do chamado *Black Twitter* –, configuram-se como práticas dos usuários da rede que contribuíram para que o *tweet* primário do usuário @_danblaz obtivesse a marca de mais de 3.000% de engajamento. A partir dessa circulação potencializada, a narrativa agregou novos sentidos, e João Pedro tornou-se um símbolo daqueles que morrem no genocídio diário de crianças e jovens negros. Deu-se dessa forma, na imagem e na *hashtag*, a totemização da imagem das crianças mortas pelo Estado.

A primeira tática utilizada foi a menção. Iniciada com Daniel Blaz, a tática de menção consiste em indexar novas personagens para a narrativa, através de seus nomes da marcação de seus usuários na rede. A seguir, os Usuários Gerais tomaram à frente e, com a mesma técnica, realizaram uma nova estratégia: acionaram celebridades e usuários do *Black Twitter*. Esses chamamentos, em suma, foram divididos por dois vieses: dos usuários que mencionaram para questionar e dos que o fizeram para informar.

Neste contexto, cabe pensar as redes sociais como circuladoras de informação (Recuero, 2012), uma vez que o *tweet* primário foi uma tentativa de ampliação da voz societária, tendo em vista que até hoje mortes provocadas em regiões periféricas não geram surpresa nem são motivo de pauta social. A ruptura, no caso João Pedro, acontece justamente quando ao *tweet* se aglutinam cinco *hashtags* que procuram saber onde está o garoto, fazendo com que a publicação do usuário @_danblaz obtivesse engajamento de 3.320,25%.

Toda essa movimentação em torno do assassinato rendeu ao fato um status de ciberacontecimento (Henn, 2012), que, logo após, passou a circular nos meios de comunicação de massa, adquirindo uma segunda-vida no ambiente jornalístico (França, 2012), circulando no formato em inúmeras matérias em sites, blogs e portais, inclusive no especial Falas Negras (Gshow, 2020), da Rede Globo, além de ter favorecido o aumento da busca por termos como “racismo” e “violência policial” no mecanismo de pesquisa da Google³⁵.

Os usuários encontraram no assassinato de João Pedro a chance denunciar o racismo, a violência policial e os sistemas que formam um Estado necropolítico no Brasil, país onde o risco de morte é 74% maior para negros do que para não-negros. Os mais de 70 tiros na residência onde o jovem estava, culminando com o desaparecimento do seu corpo e o relato do primo na rede, deslocaram o público de um lugar de resiliência frente ao contexto de violência.

Os *tweets* de @_danblaz, num contexto de protestos pelo genocídio de jovens negros, ofereceram estímulos para a indignação. As *hashtags* #Procura-seJoãoPedro, #Procura-sePorJoãoPedro, #SomosTodosJoãoPedro, #JustiçaPorJoãoPedro e #CadeJoãoPedro tensionaram a ação da polícia, provocaram debates e deram novos rumos a narrativa. Essa não seria a história de mais uma morte de um jovem negro. Era a história de João Pedro, mas também de todos os que vieram antes dele. Tornou-se um grito indignado de Usuários Gerais, membros do *Black Twitter* e perfis verificados pelo fim da violência contra esses corpos.

No entanto, trata-se de um uso não preferencial da rede que, por ser um dos grandes conglomerados de comunicação de dados do contemporâneo, está organizada em torno da lógica neoliberal em que o mercado ganha mais proeminência do que a cidadania. O assassinato de João Pedro ocorreu em meio a um contexto de ação antirracista, iniciada com o

³⁵ https://trends.google.com.br/trends/story/US_cu_9rzrAHQBAApPM_en.

assassinato de João Alberto Silveira Freitas por seguranças do Carrefour em Porto Alegre. A mobilização, portanto, aponta para uma possibilidade de uso das redes que é pautar líderes de opinião da rede, e jornalistas das empresas tradicionais, que ainda ocupam um importante lugar de circulação de informações no ecossistema midiático. Foram esses atores que visibilizaram o acontecimento narrado pela #Procura-seJoãoPedro na esfera pública. Tratado como exceção, o contexto de morte de João Pedro não é exceção no país. A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil. Pouco é dito sobre isso e quase nada sobre essas vítimas.

Referências bibliográficas

ACAYABA, Cíntia; ARCOVERDE, Léo. Assassinatos de negros aumentam 11,5% em dez anos e de não negros caem 12,9% no mesmo período, diz Atlas da Violência. G1. 27 ago. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/27/assassinatos-de-negros-aumentam-115percent-em-dez-anos-e-de-nao-negros-caem-129percent-no-mesmo-periodo-diz-atlas-da-violencia.ghtml>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. Cibercontecimento e jornalismo digital: o impacto do compartilhamento e da produção de sentidos nas práticas jornalísticas. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Santa Catarina, v. 12, n. 2, p. 342-358. jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2015v12n2p342/30626>>. Acesso em: 21 out. 2020.

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino; GONZATTI, Christian; HENN, Ronaldo; VIERO, Felipe. O Desafio do Balde de Gelo como Cibercontecimento: Celebidades como Vetores-Chave de Espalhamento e Apropriações. In: ABCiber, 2014. *Anais do VIII Simpósio Nacional da ABCiber*. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.abciber.org.br/simpósio2014/anais/GTs/maria_clara_aquino_bittencourt_32.pdf>. Acesso em: 21 out. 2020.

CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CERQUEIRA, D.; BUENO, Samira (org.). *Atlas da violência 2020*. Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), Brasília, DF: Ministério da Economia, 2020.

COSTA, Andriolli. Midiático por natureza. A construção do cibercontecimento. IHUONLINE. Edição 477. 30 jun. 2014. Disponível em <<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5567-ronaldo-henn-4>> Acesso em: 15 nov. 2020.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. *Rizoma*, v. 6, n. 2, p. 08-40, dez. 2018.

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. *Galáxia (São Paulo – online)*, n. 24, p. 10-21, dez. 2012.

GSHOW. Silvio Guindane comenta impacto de representar pai de jovem assassinado no especial 'Falas Negras': 'Momento que nunca mais vou esquecer'. *Gshow*. 19 nov. 2020. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/series/falas-negras/noticia/silvio-guindane-comenta-impacto-de-representar-pai-de-jovem-assassinado-no-especial-fala-negras-momento-que-nunca-mais-vou-esquecer.ghtml>>. Acesso em: 30 dez 2020.

G1. Caso George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA. *G1*. 27 mai. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policia-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>>. Acesso em: 01 ago. 2020

HILLS, Marc Lamont. "Thank you, Black Twitter": State violence, digital counterpublics, and pedagogies of resistance. Sage Journals. Volumes 53, Issue 2. Jan. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.1177/0042085917747124> Acesso em: 20 jul. 2020.

INCT. Desigualdade social e falta de saneamento básico. *INCT ETES Sustentáveis*. 11 set. 2019 Disponível em: <<https://etes-sustentaveis.org/desigualdade-social-saneamento-basico/>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MALINI, Fábio. Não estamos na escuridão. *Folha de São Paulo*. 27 out. 2018, p. A3. Disponível em <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=48503&keyword=nao&anchor=6103608&origem=busca&originURL=&pd=fe94efa7a71c1d00e0e5f49ef319fb2c>> Acesso em: 30 ago. 2018.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. *A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre: Meridional, 2013.

MARTINS, Marco Antônio *et al.* Testemunhas que estavam com João Pedro dizem que não viram bandidos antes de o menino ser baleado. *G1*. Rio de Janeiro, 17 jun. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/17/jovens-que-estavam-com-o-menino-joao-pedro-dizem-que-nao-veem-bandidos-antes-do-menino-ser-baleado.ghtml>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Artes e Ensaios*. Revista do PPGAV/EBA/UFRJ. Nº. 32. dez. 2016.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. In: *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: <biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoasDeRacaRacismoIdentidadeEEtnia.pdf>. Acesso em: out. 2022.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 19, n. 1, p. 287-308, nov. 2006.

PIRES, Breiller. Entre a vida e a morte sob tortura, violência policial se estende por todo o Brasil, blindada pela impunidade. *El País*. 30 jun. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-30/entre-a-vida-e-a-morte-sob-tortura-violencia-policial-se-estende-por-todo-o-brasil-blindada-pela-impunidade.html>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

RECUERO, Raquel. *A conversação em rede: a comunicação mediada pelo computador e as redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA, Eudson; ALVES, Lara Moreira. Publicidade online: o poder das mídias e redes sociais. *Fragments de Cultura*, Goiânia, v. 20, n. 3/4, p. 221-230, mar./abr. 2010. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/1371/917>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

ROSA, Ana Paula da. Visibilidade em fluxo: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens. *Interin*, Curitiba, v. 21, n. 2, p. 60-81, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5044/504454374005.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2020.

SALLES, Stéfano; MARTINI, Paula. ONU recebe pedido para investigar morte de garoto de 14 anos no Rio. CNN Brasil. 20 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/onu-recebe-pedido-para-investigar-morte-de-garoto-de-14-anos-no-rio/>>. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/onu-recebe-pedido-para-investigar-morte-de-garoto-de-14-anos-no-rio/>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

SANTOS, Raquel Amorim dos; BARBOSA E SILVA, Rosângela Maria de Nazaré. Racismo científico no Brasil: um retrato racial do Brasil pós-escravatura. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 34, n. 68, mar./abr. 2018. Educação, p. 253-268. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/er/v34n68/0104-4060-er-34-68-253.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

SHIRKY, Clay. *A cultura da participação: Criatividade e generosidade no mundo conectado*. Ebook. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

SILVA, Tarcízio. Visão Computacional e Racismo Algorítmico: Branquitude e Opacidade no Aprendizado de Máquina. *Revista da ABPN*, v. 12, n. 31, p. 428-448, dez. 2019/fev. 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/339514173_Visao_Computacional_e_Racismo_Algoritmico_Branquitude_e_Opacidade_no_Aprendizado_de_Maquina>. Acesso em: 01 dez. 2020.

SOARES, Rafael. Caso João Pedro: policial investigado só entregou fuzil uma semana após homicídio. *Extra*. Rio de Janeiro, 1 jun. 2020. Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/caso-joao-pedro-policial-investigado-so-entregou-fuzil-uma-semana-apos-homicidio-rv1-1-24455845.html>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

DEIVISON MOACIR CEZAR DE CAMPOS - Pontifícia Universidade Católica do RS

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9928-9825>

Email: deivisondecampos@gmail.com

HENRIQUE FERREIRA DA SILVA - Universidade Luterana do Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6658-4577>

Email: henriqferreiras@gmail.com